

## **“Terra de Ninguém”. Narrativas de Escritores Cearenses sobre Cultura Capitalista, Processo Civilizador e Urbanidades entre 1860 e 1960.**

GLEUDSON PASSOS CARDOSO\*

Este texto tem como objetivo entender a inserção das narrativas de escritores cearenses junto às intervenções do “processo civilizador capitalista” nas cidades do Ceará, a destacar a capital Fortaleza e os municípios de Aracati, Sobral, Quixadá e Crato, entre 1860 e 1960. Esse recorte inicia-se quando ocorrem transformações nos espaços urbanos cearenses, em virtude do avanço das relações capitalistas de produção em sua fase expansionista e industrial, em que foram realizados investimentos estrangeiros em obras de infra-estrutura, a princípio, na capital Fortaleza, como a implantação de bondes, pavimentação de ruas, melhorias no porto, rede ferroviária etc. Ao longo do tempo, nas demais cidades citadas, também se verificou investimentos similares e\ ou de obras para minimizar os efeitos negativos das estiagens (construção de açudes, barragens, poços profundos etc), sobretudo, nas décadas iniciais do século XX, em virtude do ciclo da carnaúba e com a influência norte-americana no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Por fim, os anos 1960, como recorte temporal final, se justificam porque “naquele momento a SUDENE representou a qualificação do processo de industrialização, embora grande parte dos recursos tenha sido centralizada em Fortaleza em detrimento das cidades do interior” (FREITAS, 2009: 03).

Neste recorte histórico foi constatado que a produção intelectual desenvolvida pelos agentes letrados esteve em sintonia com as demandas “civilizadoras” anunciadas nas atividades de imprensa, literatura e sociabilidades letradas à época. Ressalta-se que os homens de letras do período perceberam a existência de práticas diferenciadas dos imperativos “civilizadores”. Logo, eles entenderam que na vida social houve experiências que não se configuraram em reproduções constatadas nas realidades urbanas de matriz europeia e estadunidense, mas, foram caracterizadas por singularidades estéticas e cotidianas nas cidades

---

\* Professor do Curso de História e do Mestrado Acadêmico em História e Culturas\ MAHIS da Universidade Estadual do Ceará\ UECE, Doutor em História Social pelo Programa de Pós Graduação em História\ PPGH da Universidade Federal Fluminense\ UFF e integrante dos GPESQs “Intelectuais, Idéias e Instituições” e “Práticas Urbanas”. Neste último, coordena o Eixo Temático “Práticas Letradas e Urbanidades”.

cearenses. Entre os poetas, prosadores, romancistas e cronistas vislumbraram-se matizes variados sobre as transformações ocorridas naqueles espaços urbanos. Esta pesquisa encontra-se em fase inicial, realizando levantamento de fontes e da bibliografia e é integrante do projeto “Cultura Capitalista e Civilização nas Cidades do Ceará (1860 - 1970)”<sup>1</sup>, desenvolvido no GPESQ “Práticas Urbanas”<sup>2</sup> e amparado pelos recursos PIBIC-CNPQ, IC-FUNCAP, IC-UECE e PROVIC-UECE<sup>3</sup>.

A princípio, deve ser evidenciada “a capital cearense enquanto *lócus* disseminador da produção e do consumo, parâmetro de questionamento dos hábitos e costumes e das formas de governar e controlar as populações em seus territórios” (Idem: 04). A acelerada inserção econômica de Fortaleza junto às trocas comerciais de âmbito internacional, durante o período algodoeiro, tanto no aspecto econômico como cultural, definiu a década de 1860 como marco inicial do recorte cronológico. Neste período, Fortaleza torna-se a sede da província cearense e, posteriormente, a capital do Estado. “Ela emergiu como lugar das formas de racionalizações forjadas pelo capitalismo: a burocracia disciplinar do Estado e o mercado de consumo produtor de desejos e espetáculos” (Idem. Ibidem). Assim, na segunda metade do século XIX, a cidade de Fortaleza foi marcada por transformações e contrastes. Quando ocorreu a Guerra de Secessão nos Estados Unidos (1861 - 1865) e suas exportações ficaram comprometidas, o algodão cearense foi requisitado como matéria-prima para as indústrias têxteis da Europa, principalmente da Inglaterra. Esse fato contribuiu para que capitalistas ingleses investissem em infraestrutura, sobretudo em melhorias urbanas, como o abastecimento de água potável (1867), a modernização do Farol do Mucuripe (1872), a construção da Estrada de Ferro Fortaleza-Baturité (1873), dentre outras realizações que favoreceram as trocas econômicas entre comerciantes da capital cearense e de outras cidades, como

---

<sup>1</sup> Este projeto “guarda-chuva” abrange os seguintes eixos temáticos: “Governamentalidade e Controle Social”, “Ética, Hábitos e Costumes”, “Produção e Consumo de Bens Domésticos” e “Práticas Letradas e Urbanidades”, o qual se insere o presente texto.

<sup>2</sup> GPESQ\ CNPQ criado em 2004, sob liderança do Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas. Este grupo está ligado à Linha de Pesquisa “Práticas Urbanas” do Mestrado Acadêmico em História e Culturas\ MAHIS da Universidade Estadual do Ceará\ UECE.

<sup>3</sup> São bolsistas do Eixo Temático “Práticas Letradas e Urbanidades” que realizaram pesquisa empírica: Thiago da Silva Nobre (PIBIC-CNPQ), Luis Eduardo Andrade Pacheco (IC-FUNCAP), Francisco de Assis Cavalcante Neto (IC-UECE), Jéssica Cardoso de Santana e Francisco Nascélio de Aquino Júnior (PROVIC-UECE).

Londres, Liverpool, Manchester e Paris (GIRÃO, 1995; TAKEYA, 1995 e PONTE, 1993).

No entanto, nos anos de 1877 a 1879, o crescimento econômico de Fortaleza foi ameaçado pela seca, que comprometeu parte considerável das lavouras de algodão e das atividades agropastoris. Vitimados pela escassez, dezenas de emigrantes vindos do interior foram à capital em busca de melhorias. O comércio e as pequenas manufaturas (beneficiamento do couro, destilação, panificação, saboarias etc) contrataram parte desse grupo de pessoas (CARDOSO, 2009). Aqueles que não foram absorvidos nessas tarefas compuseram um número crescente de indivíduos sem ocupação e moradia, em condições precárias de existência (TEÓFILO, 1904).

Após a seca, a implantação dos bondes puxados a burro (1880) e do serviço de telefonia (1883), bem como o surgimento da primeira manufatura de fiação têxtil (1883) e do Passeio Público (1886) renovaram os ânimos das elites locais. Comerciantes, médicos, intelectuais e outros profissionais liberais assumiram o compromisso de “civilizar” a Capital do Ceará. Nos cafés da cidade, os integrantes das entidades literárias e científicas do período acreditavam ser os agentes do progresso social. Grupos como o Clube Literário (1886), o Instituto do Ceará (1887) e outros surgidos na década de 1890, a exemplo da Academia Cearense (1894) divulgaram idéias baseadas no modo europeu de organizar a vida, a partir do progresso tecnológico, do conhecimento científico e dos hábitos “civilizados”. Já a agremiação literária Padaria Espiritual (1892) preferiu as manifestações culturais das camadas populares como as referências que deveriam ser preservadas.

Em virtude dessas contradições presentes na vida urbana, percebe-se que foram diferentes as leituras dos homens de letras sobre as propostas para “civilizar” a sociedade e seus vários estratos. No “Discurso lido perante a Academia Cearense na sessão magna do seu primeiro aniversário, pelo seu presidente Dr. Tomás Pompeu de S. Brasil Filho”, o orador fez a defesa das conquistas da sociedade industrial como parâmetro de civilização e progresso:

*As conquistas da ciência vão depressa como os mortos da lenda germânica. O vapor, a eletricidade não gastaram um século para percorrer e penetrar as últimas camadas das sociedades civilizadas. Não assim as idéias morais; os*

*mais belos preceitos, as predicas evangélicas de Cristo, quão longe estão de ser compreendidos e objetivarem-se em atos da vida ordinária. É que as idéias, como a boa semente, precisam de terreno apropriado, adubado, para produzir, para frutificar. Laborar esse solo, prepará-lo, mandá-lo, eis a tarefa dos sonhadores – filósofos, poetas, literatos – que como os modestos e obscuros sócios da – Academia Cearense – nutrem a grata esperança de facilitar a adaptação d'aquelas idéias ao meio em que vivem, às inteligências que os rodeiam. (Revista da Academia Cearense , 1897: 05).*

Contra-pondo-se a esta visão de bem-estar social, *O Pão*, o periódico da Padaria Espiritual, fez a defesa das manifestações da cultura popular perseguidas pelas autoridades republicanas (que relacionavam os “reis”, “rainhas” e “príncipes” dos folguedos como alusões à monarquia), bem como manifestou críticas às convenções da vida “elegante”:

*E o bumba meu boi? E os congos? E os fandangos? E todas essas festas tradicionais que o povo se incumbia de criar para o gaudio dos rapazes alegres?... Tudo vai desaparecendo com o patriotismo nacional. O Natal, como o S. João e como todas as festas de caráter popular – vai degenerando em festa aristocrática. (GUANABARINO, 1892: 03).*

Assim como ocorreu entre os intelectuais, a distinção entre o que era “moderno” e o que era “atrasado” ocupou o pensamento e as ações dos administradores públicos e das elites de Fortaleza no final do século XIX. Estar próximo do que se vivia na Europa (moda, literatura, comportamento) era o sinônimo de progresso e modernidade. Tudo isso implicava em medidas de intervenção na cidade: códigos de postura, asilos e vigilância policial foram implantados para corrigir os hábitos “atrasados”. Em grande medida, estas ações foram direcionadas à grande parte dos moradores de Fortaleza, composta de sertanejos fugidos da seca, remanescentes indígenas, afro-descendentes, mestiços, trabalhadores braçais e pequenos agricultores, que não abriu mão de suas práticas culturais. Suas festas (maracatus, reisados, congos, fandangos) e o seu modo de vida artesanal, baseados no ambiente rural e na cultura de subsistência, foram expostos à apreciação dos intelectuais quanto o que deveria ser preservado e o que deveria ser erradicado da vida social.

Entre os anos de 1930 e 1940, durante o ciclo da cera de carnaúba, com a nova inserção da economia cearense no mercado agroexportador, as preocupações das

elites locais e administradores urbanos com a pobreza reinante por conta das estiagens apontavam para a necessidade de tornar a cidade mais “atraente” para os investimentos externos. Neste sentido, foram subtraídos do perímetro urbano aqueles cidadãos indesejados, como os mendigos, retirantes e maltrapilhos, através de antigas práticas sanitárias: os campos de concentração, abarracamentos ou os “currais do governo”, espaços construídos fora do perímetro urbano para onde eram retiradas as “classes perigosas”, que ameaçavam o comércio com os freqüentes saques e pequenos furtos, bem como comprometiam o embelezamento estético da cidade.

Essas contradições sociais existentes na capital cearense durante a primeira metade do século XX foram percebidas no soneto “Fortaleza”, do livro *Desolação* (1947), em que o poeta Otacílio de Azevedo, emigrante do município de Redenção e trabalhador do comércio local, deixou transparecer a sua leitura sobre as condições vivenciadas pelas camadas menos favorecidas da cidade. A narrativa também aponta para o crescimento demográfico da capital, em virtude da concentração de serviços, postos de trabalhos e possíveis oportunidades de trabalho, tendo em vista do deslocamento de recursos públicos e investimentos para dinamizar as atividades do comércio local, o que gerou ciclos permanentes de êxodo rural para um espaço urbano sem preparo para acomodar tanta gente.

*Pelos tremendos fundos dissabores  
que vens passando na maior tristeza  
tens a sorte dos poetas sonhadores,  
oh! Bela e legendária Fortaleza!*

*Bens valera a extinção da férrea prêsa  
dos teus vampiros e açambarcadores  
à maneira de Cristo em fúria acesa,  
expulsando do Templo os Mercadores!*

*Pelo número amargo de mendigos  
que afluem, dia e noite aos teus postigos,  
numa contínua desesperação*

*Verterão sangue as tuas cicatrizes,  
e será sempre para os infelizes  
a eterna Sexta Feira da Paixão! (AZEVEDO, 1947).*

À medida que a capital cearense ia se destacando na atividade comercial, o crescimento demográfico foi evidente, provocado pela idéia de que lá as pessoas acossadas pelos efeitos devastadores da seca nos municípios do interior encontrariam

melhores oportunidades de vida. Entretanto, a malha urbana de Fortaleza não comportava esse contingente oriundo do êxodo rural, que ficava perambulando pelas ruas da cidade em condições de miséria, tornando as ruas do centro um verdadeiro espetáculo de calamidade e sofrimento. Vale destacar que, concomitante a essa situação, a inserção econômica cearense junto ao mercado mundial fora para além do perímetro urbano de Fortaleza. Com a expansão da via férrea para os sertões, os interesses internacionais devassaram as regiões sertanejas do Ceará. Este episódio foi favorecido com acontecimentos que datam desde a criação da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), em 1909, em que o estado já vinha sendo beneficiado com recursos públicos federais, realizando obras de açudagem, barragens, poços profundos e, entre outras atividades, como o recrutamento de força-de-trabalho de sertanejos acoçados pela estiagem para os serviços braçais. Porém, as condições insalubres e a sobrecarga de tarefas afugentavam a população sertaneja depauperada que preferia emigrar para a capital. Neste aspecto, percebe-se que aquelas paragens passaram a atrair investimentos de grupos estrangeiros, outras localidades para além da capital. Em relação à vivência dos sertanejos sobre as mudanças ocorridas em seu ambiente natural, o poema “Quixadá”, do livro *Terra de Ninguém* (1937), o escritor Jáder de Carvalho narrou o receio ao ver aquela cidade e outras regiões cearenses, como o Cariri (sul do estado) e o maciço serrano de Baturité (região central) abrigarem estrangeiros que trouxeram uma “nova civilização” àquele ambiente rural.

*Quixadá,  
na tua Escola agrícola, ao pé do açude,  
pela primeira vez temi pelo meu Ceará.  
Um allemão de olhos que devoravam a terra  
era de uma gravidade sacerdotal  
qo rasgar a planície com a charrua.  
Um agronomo de Napoles, que entendia D'Annunzio  
e amava os quadros de Rafael,  
quanta vez corou deante de seus alumnos,  
ao dizer que a terra só era pobre de  
homens!  
Europeus,  
eu sentia se multiplicarem os açudes  
e via immigrantes de todas as raças  
ainda com a patria dentro dos olhos.  
E adivinhei a Serra de Baturité com os seus  
cafésaes enfeitados de mediterraneas morenas.  
O Cariri povoando os cannaviaes e os pomares  
de doces monossilabos niponicos.  
E, no alto da barragem de Orós,  
o infeliz a pensar*

*que si houvesse no Valle piramides e faraós,  
o Jaguaribe seria o Nilo brasileiro.  
Bem que na tua planície, Quixadá, os tractores,  
anunciaram, zumbindo, a civilização que viria.  
Ah, como eu tremi quando, de tuas várzeas  
adustas e salitrosas,  
o teu Oasis começou a chamar  
com o lenço verde dos cannaviaes...(CARVALHO, 1931).*

A cidade de Quixadá, situada na região do “Sertão Central” cearense, “teve o seu desenvolvimento econômico ligado, por um lado, à produção algodoeira (1860) e, por outro, à construção do açude do Cedro (1873-1906), que dinamizou sua vida material” (FREITAS. Op. Cit.: 06). De acordo com FREITAS (2009), “decorrente desse fato, milhares de trabalhadores sertanejos se deslocaram para Quixadá”, bem como “intensificou-se o comércio com a abertura de novos estabelecimentos; comboios sucessivos transportavam sem cessar mercadorias e gêneros alimentícios; máquinas e materiais de construção atulhavam os depósitos improvisados; rasgavam-se estradas de penetração em procura do litoral” (SOUSA, 1997:53-54 Apud FREITAS Op. Cit.: 07). “Para além do litoral, Quixadá proporcionou ainda o intercâmbio com diversas regiões do estado: com o Sertão Central Sul, Cariri e Litoral através da Estrada do Algodão; com a região serrana do Maciço de Baturité, através da Estrada de Baturité (1891); e, ainda, com a região jaguaribana interligada pela Estrada de Morada Nova” (FREITAS. Op. Cit.: 07).

Quanto à Região do Cariri, ainda segundo FREITAS, “sua evidência econômica ocorreu ainda no período colonial, sob influência da produção canavieira pernambucana. Nos finais do século XVIII e ao longo do século XIX, a região sul cearense experimentou um relativo crescimento, tanto em sua economia quanto no seu povoamento. Sua dinâmica econômica se deveu à produção artesanal de gêneros alimentícios de primeiras necessidades (rapadura e farinha de mandioca). Os engenhos, tanto contribuíram para solidificar a economia como diversificar mão-de-obra, além do que, possibilitou o surgimento de importante aristocracia rural” (Idem: 07).

Segundo FREITAS, “diferente da estrutura de produção das regiões onde predominava a pecuária, caracterizada pelas casas-grandes fazendeiras, símbolo de poder dessa economia, no Cariri, onde está situada a cidade do Crato, a casa de engenho

representou, em medida relativa, poder e opulência da aristocracia rural, considerada uma das mais “importantes elites do interior cearense” do século XIX”. Conforme se observou no registro do chefe da Comissão Científica que esteve na cidade do Crato no início de 1860, “A todos causou estranheza, para não dizer espanto, a simplicidade de maneiras dos doutores a contrastar violentamente com a arrogância dos donos de engenhos e autoridades” (FARIAS FILHO, 2007: 100 Apud FREITAS, 2009:07). Neste sentido, o poema de Jáder de Carvalho acima citado deixa entender que uma “nova civilização” há de nascer com o advento das máquinas agrícolas, das obras de infraestrutura, da influência estrangeira e do avanço dos interesses econômicos internacionais naquelas paragens do sertão cearense. Não apenas a vida bucólica e a paisagem natural estariam sob a preocupação do poeta, mas, àquela estrutura social acomodada desde os remotos tempos coloniais poderia sucumbir ao progresso civilizatório de novos costumes, hábitos, atividades de trabalho e padrões de vida.

Em outro livro, intitulado “Classe Média” (1937), o mesmo autor não poupa palavras a respeito da ameaça que o comércio estrangeiro trouxe aos comerciantes locais. A denúncia é direcionada à chegada das grandes empresas e sua relação com a falência das empresas da capital cearense.

*Honório Martins, durante dez anos, comprou e descarçou mais da metade do algodão de Itaúba e municípios adjacentes. Enriquecendo as firmas da capital, também juntou o seu pecúlio. De tal maneira consolidou a sua fortuna, que um ano de baixa não esmoreceu.*

*Agora, porém, tudo mudou. As próprias firmas exportadoras de Fortaleza sofrem uma concorrência desigual. Afastam-se do mercado, diante das companhias estrangeiras, beneficiadas pelos governos. Resultado: o comprador se arruína. Nas cidades e vilas, as pequenas fábricas de descarçar vão se fechando, uma após outras. Na capital, os intermediários metem dó. Ide ao Café da Bolsa. Onde a antiga alegria? Onde aquelas caras burguesas e felizes? Tudo desertou. Restam os que desesperam sem se render. Cotovelo sôbre a banca, a face apoiada na mão, ruminam pensamentos melancólicos. A vida só lhes volta ao rosto quando sabem de um prejuízo das companhias. Bendizem o matuto que enganou os estrangeiros. Resume-se nisso a sua vingança (CARVALHO, 1937: 50).*

A trajetória de Jáder de Carvalho poderia atestar em favor da sua opção ideológica frente aos investimentos estrangeiros no Ceará. Ele foi um dos primeiros militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no estado, um dos representantes do modernismo pertencente ao grupo “Maracajá” (1929). Foi crítico do Presidente Getúlio Vargas e do Estado Novo, o que lhe valeu a prisão entre 1943 e 1945. Contudo, este

sentimento presente nas narrativas de escritores cearenses, quanto o receio em relação ao avanço das relações capitalistas de produção no Ceará, bem como os seus efeitos sobre as populações sertanejas, alterando modos de vida, a promover a desigualdade econômica, segregação e estratificação entre os grupos sociais (retirantes pobres, mendigos, depauperados) fora percebido por diferentes escritores em momentos distintos do recorte histórico proposto nesta análise.

Outro aspecto presente nas narrativas literárias dos escritores cearenses diz respeito à mudança de hábitos urbanos, posturas e práticas de sociabilidades decorrentes da introdução de produtos importados das metrópoles industriais. A moda e suas indumentárias foram destacadas enquanto agentes transformadores do comportamento urbano, em boa medida sob um olhar depreciativo.

*Venham modas e modas diferentes  
E que tanto as mulheres apreciam,  
Ao respeitável público exibindo  
O que só os maridos conheciam (LINHARES, 1957).*

Destes escritores que perceberam as mudanças ocorridas na sociedade fortalezense, por conta das trocas comerciais entre a capital cearense e as metrópoles industriais, o nome de Raimundo Ramos “Cotôco”<sup>4</sup> merece destaque. Ele nasceu em Fortaleza, em 21 de maio de 1871 e era o filho mais velho do casal Raimundo Ramos e Rufina Farias Ramos, que viviam da agricultura e do comércio. Segundo Edigar de Alencar, “com a perda do pai, aos 16 anos, tudo se desmantelara que, assediada por dívidas, rapidamente empobreceu (...) teve que abandonar os estudos e cair na vida prática (...) viveu pobre e morreu pobríssimo” (ALENCAR, 1984: 41 e 46). Teve, assim, vida modesta, morando com a primeira esposa numa “casinha de uma porta só, sem janela”. Cotôco preferiu realçar as singularidades das suas personagens, nos seus gestos, práticas e modos de vida. Não que ele estivesse a negar as relações de exploração ou fosse alheio as tensões sociais no seu entorno. Mas, parece ser relevante ao poeta afirmar uma “cultura” própria em relação aqueles hábitos, posturas, valores, vestuários e outras práticas sociais que aos poucos foram alterando a vida dos cidadãos. Sua obra literária foi escrita entre 1888 e 1906.

---

<sup>4</sup> O apelido “côtoco” era à jocosa alusão do poeta ter apenas um braço.

Nos versos de “Cabocla” (1903), adaptada ao gênero musical, o poeta rebateu o gosto pelas “últimas novidades de Paris” com a “beleza dos dotes naturais”, uma precisa afirmação das qualidades *in natura* frente à artificialidade que tomava conta do gosto a época.

*Ninguém me vence em beleza,  
Pois sou formosa também  
Sem possuir riqueza  
Que a moca da praça tem.  
Não invejo os requintes da moda.  
Fantasias que o instante desfaz  
E bastante a beleza  
Dos meus dotes naturais.  
Quando eu passo em qualquer parte  
Todos ficam a me olhar,  
E dizem: que primor d'arte!  
Que formosura sem par!  
No entanto minha veste e tão simples,  
E de chita de azul cor do céu  
E sob ela a beleza  
Que a natureza me deu.  
Nenhuma rica da praça,  
Envolta na fantasia.  
Tem mais beleza, mais graça,  
Mais meiguice e poesia.  
Eu sou pobre, não tenho essas sedas,  
Nem brilhantes nem rubros corais...  
Só tenho a beleza dos meus dotes naturais.  
As brancas de mim não gostam  
E só me olham com desdém!  
Eu nem lhes presto atenção,  
E creio que faço bem (RAMOS, 1906:60).*

É visível o contraste entre a elegância indispensável para alguns e a beleza natural apresentadas pelo autor. A saber, o “cumprimento exato da moda” era uma instituição exigida nos eventos, salões, cafés e praças, a fazer dos alfaiates uma das profissões mais solicitadas na cidade (CAMPOS, 1985: 21 - 30).

De acordo com Sebastião Ponte, em Fortaleza, desde 1860 “a moda vestuária (...) provocava excitação nas rodas elegantes” (PONTE, 1993: 153). E não por menos que o historiador Raimundo Girão destacou o impulso econômico que as casas de importação e exportação deram à capital (GIRÃO, 1995:101 - 106). Como já foi entendido, este momento coincide com a inserção acelerada da economia cearense no comércio internacional, durante o período algodoeiro, e as transformações que a cidade sofreu na sua esfera urbana, social e econômica, sobretudo as atividades de trabalho aliadas ao crescimento comercial e a instalação de manufaturas. Junto às necessidades de higienização e controle social, “as novidades da moda feminina que chegavam a

cidade compeliavam as mulheres a renovar constantemente o seu guarda-roupa” (Idem: 154).

Aquelas tensões cotidianas estiveram presentes em momentos consideráveis na obra de Ramos Cotôco. Ele elegeu o “belo sexo” para denunciar as contradições existentes na cidade. De um lado, os costumes dos habitantes arraigados numa esfera com traços do passado colonial (rústica, grotesca, rural) e, do outro, um projeto moderno e civilizador para Fortaleza, encabeçado pelas elites urbanas, comerciantes, agentes do poder público, intelectuais, médicos, sanitaristas, dentre outros. Este embate entre modos de vida destoantes foram representados, por exemplo, no esforço das “mocinhas” do Passeio Publico, a incorporarem as modas do período e se alinharem aos padrões estéticos da época. Os versos de “Não faz mal” (1901), “Assim e que é” (1901), dentre outros, apontaram para “tantos mongangos, certos defeitos” cobertos pelos “rebique, quartos, espartilho e meias”.

O poema “Modernismo” (1902) é um dos mais emblemáticos. Aqui, Ramos Cotôco lançou mão de sua ironia e sátira a artificialidade das moças do Passeio Publico. Nele, o exibicionismo das modas se deparou com uma fatalidade: os traços naturais que as exigências daquele momento não admitiam, tornaram as mulheres escravas do consumo.

*Não existe moça feia,  
Todas são puras e belas,  
A questão é um jeitinho  
Que jamais faltou a elas.  
E, além disto, elas:  
Tem nanquim,  
Tem zarcão,  
Tem carmim,  
E algodão;  
Tem mil prendas,  
Fingimentos,  
Da beleza  
Monumentos.  
(... ..)  
Aos domingos, na avenida,  
São lindas de arrebatam;  
Porém na segunda-feira  
Ficam feias de espantar.  
Creio porque elas em casa tiram:  
O nanquim,  
O zarcão (RAMOS, 1906:127 e 128).*

Assim, também nos versos de “Modas” (1903), “Que m’importa?” (1905), “Letra na Avenida” (1903), “Amor e Interesse” (1903) e “Conselhos” (1903), o autor

satirizou as “mocinhas” e seus mais inusitados esforços para acompanharem os ditames da moda européia em Fortaleza, na virada de século. Mais que a polidez dos gestos exigidos no processo civilizador em curso, Ramos Cotôco debochou daqueles códigos morais amparados no higienismo (COSTA, 1989). Ele também criticou os valores argentários, aqueles que relacionavam o amor ao interesse material, bem como, as posturas “elegantes” definidas como “fingimentos e termos difíceis”.

Nota-se aqui o paradoxo entre a “beleza natural” que destoava das convenções urbanas identificadas com a artificialidade. Os espartilhos, nanquins, batons e outros produtos relacionados com o gosto das “mocinhas”, filhas das camadas emergentes, contrastam com o fogão de barro, o tecido de chita, a labuta doméstica, o suor e os gestos espontâneos das caboclas, mulatas, pretinhas, criadas, cozinheiras, artesãs, tecelonas, engomadeiras. Assim, quanto à estética e as práticas sociais envolvendo mulheres, Ramos Cotôco apresentou as tensões configuradas na urbanidade de Fortaleza daquela virada de século. Em sua narrativa, a excentricidade das modas, aliada ao arrivismo e à febre de consumo, sucumbem sob tons depreciativos à beleza da vida rústica presente no modo de vida simples, nos costumes e práticas dos setores menos favorecidos da população.

Como bem fizeram outros escritores contemporâneos, a exemplo dos membros da Padaria Espiritual, “(...) Ramos Cotôco porfiava em escandalizar o burguês, como então eram chamados os mais abastados e ilustres, isto é, os gra-finos da época e até mesmo a classe média de melhor condição social” (ALENCAR, 1984: 42). No poema “Meu Gosto” (1902), para o alvoroço dos valores dominantes ele deixou claro a sua preferência pelas mulheres de vida simples, dentre outros aspectos.

Sobre as imagens deixadas pelas práticas de convívio urbano ali experimentadas, na sátira de Ramos Cotôco foram também percebidos outros movimentos sutis e singulares. O poema “Passeio Público” (1902), por exemplo, mostrou as ações de diversos grupos sociais que se diferenciaram na esfera dos valores, hábitos e outras variantes no modo de pensar e fazer a vida em sociedade. Mas, curiosamente, sem deixar de existir, essas distinções passaram a compor uma amálgama social que divergiu da apreciação historiográfica corrente.

*I*

*Em dias próprios de festa  
Não procuro outro recreio:  
Tomo o bonde e, na palestra  
Vou perlustrar no passeio,  
Apenas, chegando,  
Vou a Caio Prado,  
Avenida bela,  
Do povo educado  
Do luxo e namoro  
Dos tipos pedantes  
Que procuram o ouro  
E seda e brilhantes:  
Das magras, das gordas,  
Das feias das belas,  
Das tortas, corcundas,  
Roxas e amarelas:  
Das caras pintadas,  
Das velhas titias,  
Das damas casadas,  
Das mil fantasias.*

*II*

*Enquanto a musica ronca  
Uma valsa maviosa,  
Vou mudando de avenida  
Olha a minha dengosa.  
Vou a predileta,  
Que e a Carapinima,  
Dos bancos escuros,  
Do primo, da prima,  
Das capas bordadas,  
Do velho burguês.  
Das lindas viúvas,  
Do povo cortes.  
Das pretas Chiquinhas,  
Das Lauras mimosas,  
De grossas pilherias,  
Respostas gostosas;  
Onde o milionário  
E os sábios doutores  
Tem seus reservados,  
Supimpas amores.*

*III*

*Depois de um cálice de Cumbe,  
Ou coisa mais agradável,  
Me estendo p'ra Mororó,  
Que e avenida impagável:  
De saias de chita,  
Criadas faceiras,  
Bandos de meninas,  
Risadas, carreiras,  
Ampla liberdade  
Do povo contente  
E onde se vêem  
No meio da gente:  
Beliscões, beijocas,  
Bofetes, pancadas,  
Empurrões, apertos,*

*Respostas salgadas...  
Porem todos gozam,  
Todos fazem vaza,  
Ate nove e meia  
Que eu volto p'ra casa* (RAMOS, 1906:137 e 138).

Grosso modo, a descrição dos versos acima correspondeu aquela que Otacílio de Azevedo e outros já fizeram sobre a segregação conhecida pela historiografia e crônica da cidade, concernente aos três pisos e a distinção sócio-urbana do Passeio Público. Porém, vale salientar que o poeta foi além e revelou outras práticas de sociabilidades, onde, sutilmente, ocorreram interações entre distintos segmentos, seja em nome dos romances “reservados” ou da licenciosidade e dos gestos desmedidos. Este traço sugere que a ubiqüidade da “disciplina urbana” merece ser revisitada, sobretudo, no que tange a segregação sócio-espacial (PONTE, 1993). Nota-se que a narrativa destacou o segundo piso, “a Carapinima, destinada ao pessoal de classe média” (AZEVEDO, 1992: 50), onde, segundo o autor, davam-se os encontros entre diferentes camadas, do “velho burguês” às “pretas Chiquinhas”.

Este aspecto também pode revelar um desejo de autonomia do poeta enquanto sujeito social, frente às convenções do período. Como bem deixou a entender os textos de época, sejam os romances ou a imprensa literária, essas discrepâncias certamente existiram, pois foram mencionadas por outros intelectuais, tanto no jornal *O Pão... da Padaria Espiritual* quanto em outros autores supracitados. Entretanto, nos trechos de “Cabocla” e “Passeio Publico”, Ramos Cotôco percebeu que, apesar das diferenças, a segregação espacial se impôs, mas, não foi cumprida à risca. Houve, portanto, certa interação entre os estratos sociais, o que não impede de se fazerem às claras permanentes tensões cotidianas, em grande medida, provocadas por aqueles grupos que se identificaram com o discurso civilizador em voga, amplamente incorporado pelas camadas mais favorecidas e que, segundo o poeta, foi de encontro às camadas populares e seus modos de vida. Vale a pena lembrar que alguns letrados do período incorporaram o discurso civilizador (SEVCENKO, 1995). Porém, as narrativas apresentadas neste artigo, levam a crer que a recepção dos discursos e das práticas em nome de um projeto civilizador para as cidades brasileiras na virada de século foi assimilado sob diferentes perspectivas, segundo as demandas e as representações de sociedade inerentes a cada setor, ou em relação às expectativas e representações que cada intelectual tinha sobre o que significava atingir a “civilização”.

Diante do exposto, foi entendido que se vivenciou sob percepções distintas os momentos da expansão capitalista nas realidades urbanas supracitadas. Na poesia, na prosa e no romance, agentes letrados apresentaram suas leituras diante das mudanças ocorridas, bem como das acomodações das demandas “civilizadoras”, configuradas nessas cidades da realidade cearense em forma de gestos, hábitos, valores, representações, práticas, modos de pensar e agir, que iam se alterando conforme as intervenções na infra-estrutura daqueles espaços, em grande medida, provocadas pelas trocas materiais e simbólicas entre as cidades brasileiras e metrópoles industriais em expansão.

#### REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Edigar de. **Variações em Tom Menor** – Fortaleza: EdUFC, 1984 (Coleção Letras Cearenses).
- AZEVEDO, Otacílio de. **Desolação** - Fortaleza: Edições Clã, 1947.
- \_\_\_\_\_. **Fortaleza Descalça** (2a ed.) – Fortaleza: Casa de José de Alencar/ UFC, 1992.
- CAMPOS, Eduardo. **Capítulos de História da Fortaleza do século XIX. O social e o urbano** - Fortaleza, EUFC, 1985. (Col. “José de Alencar”).
- CARDOSO, Gleudson Passos. **“Bardos da Canalha, Quaresma de Desalentos”. Produção Literária de Trabalhadores em Fortaleza na Primeira República** (Tese de Doutorado) – Niterói: PPGH\ UFF, 2009.
- CARVALHO, Jader de. **Terra de Ninguém**. Fortaleza: ed. Academia Cearense de Letras, 1931.
- \_\_\_\_\_. **Classe Média**. Recife: Edições Reunidas Zacarias & CIA, 1937.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FARIAS FILHO, Waldemar Arraes de. **Crato: evolução urbana e arquitetura 1740-1960** - Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.
- FREITAS, Anto. de Pádua Santiago de. **Cultura Capitalista e Civilização nas Cidades do Ceará (1860 - 1960)** – Fortaleza: MIMEO, 2009 (Aprovação nos Colegiados do Curso de História\ UECE e do Mestrado Acadêmico em História\ MAHIS\ UECE). No Protocolo SPU-SEPLAG 07\ 2011.
- GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza**. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1995
- GUANABARINO, Félix/ Adolfo Caminha. “Sabbatina”. *O Pão*. AnnoI; Nº 05; Fortaleza, 24/ 12/ 1892. p. 03
- GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. 3ª ed.- Fortaleza: UFC\ Casa de José de Alencar, 1995.

LINHARES, Augusto. **Os Nossos...** Rio de Janeiro: Philobiblion, 1957.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque – reformas urbanas e controle social (1860-1930)** - Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda., 1993.

RAMOS (“COTOCO”), Raimundo. **Cantares Boêmios** – Fortaleza: Typo-Lithographica a Vapor, 1906.

*Revista da Academia Cearense* – Fortaleza: Tipografia Universal; T. II; N° 03; 1897. p. 05

SOUSA, José B. **Quixadá e Serra do Estevão**. 2ª ed. - Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1997.

TAKEYA, Denise M. **Europa, França, Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil** - São Paulo/Natal: Hucitec/UFRN, 1995.

TEOFILO, Rodolfo. **Variola e Vacinação no Ceará** – Fortaleza: Tipografia do Jornal do Ceara, 1904.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República** (5ª ed.) – São Paulo: Brasiliense, 1995.